

Persistem os riscos de doenças

As águas do Lago, como já foi amplamente divulgado, contêm microorganismos capazes de provocar doenças de contaminação hídrica, e vírus trazidos pelo esgoto, responsável inclusive pela hepatite. Porém se a proliferação dos aguapés não for paralisada, o Lago também representará alto risco para o brasiliense contrair doenças como febre tifóide e desenteria. Segundo o engenheiro João Augusto Burnnet, a planta é propícia a atrair caramujos e mosquitos contaminados, perigosos para a saúde pública.

Além dos aguapés, as algas representam outro problema para a despoluição do Lago. O maior controle é com a do tipo "microcystis Aeruginosa" que, segundo Burnnet, pela sua capacidade de subir à superfície da água, provoca a morte de outras algas, aumentando o índice de poluição e causando o mau cheiro característico do esgoto.

O engenheiro da Caesb admite que existem partes do Lago, próximos às estações de tratamento, que atingem "nível insuportável" de poluição. As áreas menos atingidas são a parte central do Lago, próxima ao setor de clubes, e o braço do Torto.

A solução definitiva para o Lago, segundo Burnnet, seria com uma mudança no sistema de escoamento de esgoto, com a remoção de todos os nutrientes e matérias orgânicas, já que, por outro lado, o próprio Lago tem capacidade de tratamento e só não atinge esse objetivo devido a saturação e à quantidade de esgoto que a cada segundo é jogada em suas águas.

Para o tratamento de suas águas, em 1982, a Caesb usou 3.500 quilos de sulfato de cobre. Em 1983, 5.800 quilos. No primeiro semestre deste ano, a quantidade de sulfato jogada no Lago já está próximo ao que foi usado durante todo o ano passado. Só em maio foram 2.900 quilos de sulfato de cobre.